

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 1 | Nº 3 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3900667>



REFLEXÕES SOBRE O “MARXISMO CULTURAL”

*Michel Goulart da Silva**

Resumo

Neste ensaio discute-se a ideia de “Marxismo Cultural”, a qual segmentos da direita se referem comumente em diferentes países e que, no Brasil, é citada por membros do atual governo federal. Procura-se mostrar o caráter filosoficamente idealista e politicamente reacionário dessa ideologia, analisando sua origem em relação à crítica do ascenso das revoluções burguesas, principalmente no final do século XVIII, e ao ideário conservador defendido por apoiadores da ditadura iniciada com o golpe de 1964.

Palavras-chave: Conservadorismo; Ideologia; Revoluções Burguesas.

Abstract

In this essay, an idea of “Cultural Marxism” is discussed based on the common reference of right-wing intellectuals in different countries and countries in Brazil, cited by members of the current federal government. It seeks to show the philosophically idealistic and politically reactive character of this ideology analyzing its origin in relation to the criticism of the rise of the bourgeois revolutions mainly at the end of the 18th century, and to the conservative ideas defended by developers of the dictatorship started with the 1964 coup.

Keywords: Bourgeois Revolutions; Conservatism; Ideology.

Bolsonaro, às vésperas da posse como presidente, prometeu “combater o lixo marxista que se instalou nas instituições de ensino”. Uma das falas mais recorrentes dos membros do governo e de seus apoiadores tem sido a de que a vitória eleitoral de Bolsonaro teria significado a derrota do “marxismo cultural”, inspiração teórica dos governos de FHC, Lula e Dilma. Segundo o Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, em um artigo publicado logo após a posse do governo, “o marxismo cultural governou por dentro de um sistema aparentemente liberal e democrático, construído por meio de corrupção, intimidação e controle de pensamento”. Ricardo Vélez Rodríguez, na sua posse como Ministro da Educação, afirmou que o “marxismo cultural é uma coisa que faz mal para a saúde. A saúde da mente, do corpo e da alma”. Segundo o ex-ministro, “somos pessoas individualizadas. O marxismo cultural passa a borracha em cima disso e nos considera massa. Nós não somos massa, somos indivíduos”.

Esses fragmentos mostram parte das ideias do segmento que constitui um setor ideológico reacionário do governo Bolsonaro, do qual fazem parte o próprio Bolsonaro, seus filhos e o ex-ministro

* Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atua no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC). Email para contato: michelgsilva@yahoo.com.br



Weintraub. Esse setor apresenta o “marxismo cultural” como uma perspectiva assumida pela esquerda ao deixar de buscar o poder pelas armas, e passar a fazer sua disputa política no âmbito da cultura. O uso dessa expressão “data do início da década de 1990. Seus primeiros usuários são cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas – enfim, a extrema-direita estadunidense” (COSTA, 2020, p. 37-8). No entendimento desse setor,

a instituição precursora do marxismo cultural foi a Escola de Frankfurt pelas seguintes razões: imigrou para os Estados Unidos em sua fuga ao nazismo, é constituída por judeus, combinou as teorias dos judeus Marx e Freud e, sobretudo, promoveu a arte moderna (combatida pelos nazistas, como já vimos), contaminando o espírito da contracultura dos anos 1960. Em suma, a Escola de Frankfurt seria uma instituição de fachada do comunismo (COSTA, 2020, p. 38).

Esse setor parte da tese fundamental

de que todos os males da cultura – feminismo, ação afirmativa, liberação sexual, direitos LGBTQ, decadência da educação tradicional e ambientalismo – são responsabilidade da insidiosa influência da Escola de Frankfurt. Lukács e Gramsci também são responsáveis, mas têm peso menor porque não imigraram para os Estados Unidos. Os adeptos do marxismo cultura são acusados de ensinar sexo e homossexualidade às crianças, promover a destruição da família, controlar os meios de comunicação e promover o engodo de massas, esvaziar as igrejas e promover o consumo de bebidas (COSTA, 2020, p. 40).

Os defensores do “marxismo cultural” iriam pouco a pouco tomando o controle de instituições como escolas, universidades, editoras e a imprensa, além de influenciar as artes e o entretenimento. Segundo eles, seriam expressões do “marxismo cultural” o petismo, a Rede Globo, o Partido Democrata dos Estados Unidos, a ONU e até mesmo a cinematografia de Hollywood.

A elaboração dessas teorias, quando relacionadas às posições defendidas por Bolsonaro, costuma ser atribuída a Olavo de Carvalho. O “guru” do presidente apresenta em seus textos discussões sobre a construção de uma certa “hegemonia cultural” de verniz gramsciano, ao perceber o crescimento desse referencial teórico dentro da esquerda, nos anos 1980. Segundo Carvalho (2014, p. 57), diferente do poder, “a hegemonia é o domínio psicológico sobre a multidão”. O pretenso filósofo afirma que, para Gramsci, era preciso “amestrar o povo para o socialismo antes de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem como membros de Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista” (CARVALHO, 2014, p. 57). Para tanto, “Gramsci exige que toda a atividade cultural e científica se reduza à mera propaganda política, mais ou menos disfarçada” (CARVALHO, 2014, p. 66). Como consequência dessas ações,

em poucas décadas, o marxismo cultural tornou-se a influência predominante nas universidades, na mídia, no show business e nos meios editoriais do Ocidente. (...) Dificilmente se encontrará hoje um romance, um filme, uma peça de teatro, um livro didático onde as crenças do marxismo



cultural, no mais das vezes não reconhecidas como tais, não estejam presentes como toda a virulência do seu conteúdo calunioso e perverso (CARVALHO, 2014, p. 162).

Contudo, antes de Olavo de Carvalho outros autores apresentaram discussões que contribuíram para as teorias mais recentes sobre a suposta dominação do “marxismo cultural”. No livro *Ocidente traído*, publicado em 1980, Jorge Boaventura, colaborador da Escola Superior de Guerra e do Ministério da Educação durante a ditadura, apresenta contribuições nesse sentido. Com prefácio do sociólogo Gilberto Freire, apoiador da ditadura, Boaventura faz uma longa análise sobre as mudanças táticas que vinham ocorrendo no debate realizado pelos comunistas, em especial a partir da influência do eurocomunismo, se referindo, por exemplo, a “planejada e pertinaz infiltração” nos veículos de comunicação (BOAVENTURA, 1980, p. 47). Em sua análise, afirma que a “abertura política”, processo de transição política controlado pelos próprios ditadores, “do ponto de vista dos adeptos do marxismo-leninismo, não tem outro interesse senão o de permitir uma atuação mais desembaraçada de seus agentes” (BOAVENTURA, 1980, p. 48).

Soma-se a essas formulações, no caso do governo Bolsonaro, um conjunto de teorias conspiratórias elaboradas por militares da reserva, normalmente publicadas em livros e revistas da editora Biblioteca do Exército (BIBLIEX), sobre uma suposta vitória da esquerda no processo de transição para a Nova República. Para esses setores, ainda que tenham conseguido vencer a guerra contra os “comunistas” no campo de batalha, teriam sido derrotados no debate sobre o período na opinião pública. Percebe-se que, depois da ditadura, “os discursos dos militares expressam um grande ressentimento, pois a sociedade teria deixado de reconhecer sua relevância política e a importância histórica de suas ações” (SILVA, 2011, p. 187).

Esses setores atribuem a derrota justamente à infiltração das esquerdas em igrejas, na imprensa e em outros órgãos e instituições, tendo como objetivo doutrinar as pessoas. Esse tipo de afirmação encontra-se, entre outros, no livro “Brasil sempre” (1987), que tenta ser uma resposta aos resultados da larga e cuidadosa pesquisa do projeto “Brasil: nunca mais”. Nessa obra, identificando a utilização do referencial gramsciano por parte das esquerdas, define o termo “infiltrar” como “introduzir, em cada organismo associativo da sociedade civil, militantes do PC, estruturados em uma Organização de Base, que terão a si atribuídas as tarefas subsequentes de organizar, doutrinar e mobilizar os integrantes do organismo em pauta” (GIORDANI, 1986, p. 134). Nesse mesmo texto aparece a ideia de “doutrinar”, entendida como “incutir, na mente das massas, os princípios da ideologia marxista, como se fosse a solução para todos os problemas do mundo” (GIORDANI, 1986, p. 141). O termo “doutrinação” é bastante comum nas denúncias dos setores que atualmente enxergam em tudo o “marxismo cultural”.



Embora coloquem o marxismo como centro da denúncia, essas teorizações veem como inimigo as ideias anteriores ao próprio nascimento de Karl Marx. Jorge Boaventura esclarece a origem do inimigo atualmente combatido por Bolsonaro, quando aponta que “o Ocidente cristão está sendo descristianizado e tornado materialista, diante de falsas elites paralisadas pelos erros com os quais se deixaram comprometer desde há muito” e da “superposição agnóstica ao quadro fundamental dos valores do Cristianismo (BOAVENTURA, 1980, p. 34). Para os ideólogos que combatem o “marxismo cultural”, as revoluções burguesas teriam colocado em cena a dominação da filosofia materialista sobre a sociedade, deixando em risco os valores do Ocidente. Boaventura (1980, p. 178-9) afirma que o Ocidente estaria se descristianizando “por causa de um liberalismo impregnado de naturalismo, de egoísmo e de uma miopia histórica terrível que o mantém, como ainda hoje o mantém, aparentemente sem consciência de que, a cada dia que passa, cava mais e mais a própria sepultura”. Para esses setores, até mesmo a sistematização de um conhecimento científico, em especial a partir do Renascimento, associado ao fortalecimento da burguesia, é algo que coloca em risco seu idealismo religioso, assumindo posturas reacionárias em relação a qualquer coisa que tente explicar a realidade a partir de sua concretude. Por essa razão,

o governo Bolsonaro desde o começou apresentou as Ciências Humanas como suas inimigas, explicitando o entendimento de que essas áreas do conhecimento cumpririam apenas o papel de doutrinar crianças e jovens, atribuindo a áreas como a História e Sociologia um caráter de ideologia “esquerdista”. Para o governo e muitos de seus apoiadores, as Ciências Humanas seriam áreas do conhecimento dominadas pelas ideias de pensadores considerados perigosos, como Marx e Paulo Freire (SILVA, 2020, p. 80-81).

Em seu combate ao “marxismo cultural”, esses setores mostram sua enorme dificuldade em analisar a realidade concreta, não percebendo que a postura dos partidos comunistas não tem relação com transformações nas posturas táticas trazidas pelo eurocomunismo, mas com o abandono da estratégia revolucionária pelo stalinismo e suas variantes muitas décadas antes. Em sua simplificação da realidade, os reacionários identificam equivocadamente o marxismo aos regimes burocráticos que governaram a União Soviética e seus satélites do Leste Europeu. Esses países foram governados por uma burocracia que, manipulando conceitos do marxismo para justificar seus próprios interesses materiais, ao conter ou até mesmo reprimir a mobilização independente dos trabalhadores, abriram as portas para a restauração capitalista.

Desde a década de 1920, a política stalinista havia atuado por controlar ou mesmo impedir revoluções e, quando chegaram ao poder, fazer uma política de “coexistência pacífica” com as potências imperialistas. Entre as políticas do stalinismo, uma das principais foi a das frentes populares, por meio de sua participação em governos burgueses.



Os reacionários, ao fazerem o combate contra o “marxismo cultural”, estão fazendo o combate a uma versão deturpada de marxismo que, no final das contas, é uma versão da própria democracia burguesa. No limite, não seria equivocado afirmar que Bolsonaro, seu mentor e seus seguidores são completamente contrários até mesmo às conquistas da democracia liberal nascida das Revoluções Burguesas.

O combate dos reacionários contra o “marxismo cultural” esconde o medo do proletariado. Os reacionários entendem que a entrada em cena do proletariado pode vir a colocar em risco qualquer forma de dominação, como ocorreu na dinâmica europeia, que redundou nas revoluções de 1848. Emundo Burke, um dos principais pensadores do ideário conservador, crítico dos processos revolucionários francês, no final do século XVIII, afirmava em 1790:

A ocupação de um cabelereiro, ou de um fabricante de velas – para não mencionar outras ocupações mais servis –, não pode ser motivo de honra para qualquer pessoa. Essas categorias de homens não devem ser oprimidas pelo Estado, embora este último sofra a opressão quando cidadãos como eles, individual ou coletivamente, têm a permissão de comandar” (BURKE, 2014, p. 71).

Esse desprezo por um governo de pessoas que ocupam profissões “servis” fica mais claro quando se verifica a forma como encara a desigualdade. Segundo Burke (2014, p. 72),

a característica essencial da propriedade, resultante dos princípios combinados de sua aquisição e conservação, consiste em ser desigual. Por conseguinte, torna-se necessário protegê-la da possibilidade de qualquer perigo, uma vez excita a inveja e estimula a rapacidade.

Para essas ideologias reacionárias, qualquer forma de reformismo é uma ameaça ao mundo Ocidental. Elas expressam uma ideia de liberdade baseada em escolhas individuais, denunciando qualquer forma estatal como opressora e combatendo as organizações dos trabalhadores. Os reacionários muito comumente afirmam que suas ideias, um amálgama idealista de interpretações sem sentido, tem o mesmo status que o marxismo, que é uma compreensão científica da realidade. Coisa parecida dizem sobre o criacionismo em relação ao evolucionismo, afirmando que ambas seriam interpretações válidas. Usam para isso um discurso relativista semelhante àquele difundido pelos defensores do pós-modernismo, para os quais seria impossível investigar uma realidade concreta, se limitando a construir narrativas que apresentam interpretações parciais.

Portanto, percebe um embate que não se resume a uma disputa de narrativas, mas que se dá entre racionalismo e irracionalismo, conhecimento científico e senso comum. Os defensores de um suposto domínio do “marxismo cultural” na sociedade parte de uma percepção completamente distorcida da realidade, mostrando falta de compromisso com a análise e a interpretação da realidade concreta.



REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, Jorge. **Ocidente traído**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a Revolução na França**. São Paulo: Edipro, 2014.

CARVALHO, Olavo de. **A Nova Era e a revolução cultural**. 4ª edição. São Paulo: Vide Editorial, 2014.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

GIORDANI, Marco Pollo. **Brasil: sempre**. Porto Alegre: Tchê!, 1986.

SILVA, Michel Goulart da. “Os militares brasileiros e a ‘grande mentira’”. *In*: SOUSA, Fernando Ponte de; SILVA, Michel Goulart. (orgs.). **Ditadura, repressão e conservadorismo**. Florianópolis: Em Debate / UFSC, 2011.

SILVA, Michel Goulart da. “Reflexões sobre a história das Ciências Humanas”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 1, n. 2, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 1 | Nº 3 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Eduardo Devés, Universidad de Santiago de Chile

Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima